



RESENHA CRÍTICA

GREENBLATT, S. *Renaissance self-fashioning. From More to Shakespeare*. Chicago: University of Chicago, 1984.

José Fernando Rodrigues de Souza

Professor de História, Arte e Teoria de Estado – UCAM,
UNIVERSO, UFF e ISE-CENSA
Mestre em Sociologia pelo IUPERJ/UCAM
Doutorando em Sociologia – IUPERJ

A discussão proposta por Stephen Greenblatt fica evidenciada na introdução de sua obra quando revela que a aceitação da flexibilidade do Eu e, conseqüentemente, o reconhecimento das individualidades – diversas, mutáveis e passíveis de serem criadas - deu novo alento às discussões acerca da relação arte e natureza durante o renascimento. Isso alimentou a crença nas potencialidades criadoras do homem e acrescentou um novo dado na reflexão sobre a dupla condição humana de criador e criatura, noção que se expandia no pensamento da época. Duas interrogações balizavam esta especulação: seria possível ao homem aprimorar-se e até mesmo igualar-se a Deus? Sua capacidade de modelagem lhe permitiria ultrapassar as fronteiras da condição humana, do contingente, do mortal?

Autores distintos publicaram obras com espírito semelhante no mesmo período. Isso revela a grande popularidade alcançada pelo gênero que explorava a elaboração de retratos, viagens e o tema da modelagem de indivíduos, de profissões, de governantes ou mesmo de sociedades



inteiras. Por outro lado, o autor aqui discutido nos revela que no campo da literatura, por exemplo, é preciso mencionar a extensa galeria de vilões e de ingênuos criados por Willian Shakespeare, personagens que bem poderiam ser interpretados como indicadores de “descrença” na modelagem de homens virtuosos, tal como pretendia a *paidea* humanista.

Segundo o autor, o que é central na percepção – tão antiga na escrita acadêmica, como em Buckhardt e Michelet – é que há no início do período moderno uma mudança nas estruturas intelectuais, sociais, psicológicas e estéticas que governam a geração das identidades. Há um processo de modelagem do eu, em curso. Modelagem sugere uma personalidade distinta, uma característica que endereça para o mundo, um modo mais consistente de perceber-se e comportar-se. Automodelagem é, de fato, a versão da renascença de mecanismos de controle (planos, regras, instituições para o governo do comportamento), a criação de um sistema cultural de significados que cria indivíduos específicos para governar a passagem do potencial abstrato para o histórico, concreto, corporificado.

O autor utiliza-se de textos aprioristicamente literários. Mas, entende que a literatura funciona em três caminhos interlocutores e interligados: como uma manifestação concreta do comportamento do autor, como a expressão dos códigos através dos quais o comportamento é formatado e como um reflexo sobre aqueles códigos. A prática interpretativa por ele proposta ao longo do texto utiliza-se dessas três funções. Enfim, exalta a idéia de uma literatura composta obviamente de um sistema de signos que constituem uma dada cultura.

A análise das ações sociais a partir dos autores por ele selecionados aponta para o fato de que são elas mesmas envolvidas em um sistema de significação pública, sempre formatadas em atos de interpretação. Greenblatt confessamente expressa a idéia de que há

necessidade de investigar tanto a presença social no mundo literário como também a presença social do mundo no texto literário. Através dos autores por ele selecionados, o que está em jogo é a possibilidade de analisar um complexo processo de automodelagem e, através dessa interpretação, buscar entender como literatura e identidades sociais foram formatadas naquela cultura do renascimento.

Greenblatt também chama a atenção para o fato de que nas circunstâncias que se afiguravam no século XVI, o fator comum que pode ajudar a explicar as sensibilidades dos autores selecionados para a construção da “identidade” é que todos eles incorporavam, de uma forma ou de outra, uma profunda mobilidade. Os autores selecionados são: Thomas More, Spenser, Marlowe, Tyndale, Wyatt e Shakespeare. Pontua já na introdução que nenhum desses autores vem de uma família de larga tradição, com exceção de Wyatt. Os demais provém da classe-média; automodelagem para eles envolve submissão a um poder ou autoridade fora do *self*; automodelagem relaciona-se a algo percebido como estranho, hostil e daí a necessidade de uma ordem para atacar esse “outro” e destruí-lo; esse outro é apresentado como possuidor de uma imagem “distorcida” de autoridade; se tanto a autoridade quanto o estranhamento estão fora do *self*, então ambos, submissão e destruição, são imediatamente internalizados; auto-modelagem implica, por fim, em alguma experiência de ameaça, alguma perda do *self*.

Mas, como tais pontos são tratados por Thomas More (cap.1), autor selecionado?

Thomas More publicou a Utopia em 1516, em Louvin. Com um misto de ironia e esperança, More apresenta suas idéias a partir do engenhoso relato de seu encontro com Pedro Gil e Rafael Hitlodeu em Antuérpia e o embate intelectual ocorrido entre eles. Apesar de retomar uma tendência antiga, comum à cultura ocidental, de idealização de modelos

de sociedades, o texto de More tinha um cunho inovador, a começar pela palavra com a qual designou a ilha. O mapa da ilha, localizando espacialmente o “não lugar”, estampado no frontispício do livro, e o acréscimo da detalhada descrição do meio físico, certamente intrigaram leitores. O tema da viagem é o pano de fundo da obra, refletindo, talvez, o clima propício à difusão destes relatos após as grandes navegações. Além de aproximar mundos distantes, incentivando a imaginação daqueles que se sentiam atraídos pela novidade, o gênero contribuiu para que se expandisse a autoridade do testemunho, isto é, o primado do olhar e da experiência como fonte do conhecimento e da informação, no lugar do princípio da autoridade dominante até então.

Greenblatt realça a idéia de que a ambigüidade que transparece na divergência de opiniões que opõe More e Hitlodeu é um jogo aparente. Pode-se incorporar a ambigüidade que caracteriza o texto e pensar em More e Hitlodeu como duplos. A idéia mesma de descrever uma sociedade ideal não deixa de revelar a crença na potencialidade humana em modelar indivíduos e, a partir de então, a sociedade.

More indaga-se sobre as possibilidades do triunfo da virtude no mundo dos homens, manifestando assim partilhar das indagações mais inquietantes do pensamento humanista. A resposta viria na crítica à distribuição desigual da riqueza e à propriedade privada, razões pelas quais poucos conseguiam dominar os demais, impedindo que a comunidade prosperasse. Como cristão, More seguia o apóstolo Paulo, que considerava o amor ao dinheiro como a origem de todos os males.

Segundo Greenblatt, ao longo da renascença política, a carreira de More também esteve em perigo porque suas observações sobre o rei e o cardeal apontavam para a idéia de vaidade, apetites e tolices. Todo esse espetáculo de cômico, de construção absoluta o atraía, fascinava e também provocava indignação. Sua reflexão “negra” sobre poder e

privilégio e, por extensão, sua posição, só deteriorou-se a partir do divórcio do rei Henrique VIII. Enfrentou a cômte suprema em 1534 e a morte em julho de 1535. Greenblatt propõe em dado momento de seu texto que se mantenha em nossas mentes a imagem de More sentado à mesa dos grandes com seu modo particular de ambição, ironia, curiosidade e repulsão. Imagens para se entender a automodelagem e o autocancelamento extraídos da vida e da obra de More.

Segundo Greenblatt, o que se extrai da obra de More é a idéia de que a cômte e o poder do rei com toda sua elaboração e cerimônias teatrais também têm um aspecto performático, ameaçador e ficcional e tentar fazer parte desse jogo é tão perigoso, quanto rejeitá-lo. É expor-se a um cadafalso. Para More o mundo político é opaco e sua grande fé, seu senso de verdade absoluta, parecem incrementar essa opacidade. Apresenta a cômte, a cerimônia, os rituais... não como um cálculo racional e sim com um senso do absurdo; uma espécie de insanidade da vida pública que se resolve pela força, por códigos.

Em dado momento de seu texto, Greenblatt nos remete à tela “Os embaixadores” do alemão Holbein e a partir dela faz inferências e relações com a obra de More. Diz que a tela parece sugerir tolerância: protestantismo e catolicismo, arte e ciência, imagem e palavra. Figuras cercadas pelos atributos da “vanitas” – um globo, um alaúde, livros e compassos. No entanto, Greenblatt nos chama a atenção para a idéia de autocancelamento aí presente, afinal existe a idéia de discórdia, pois sobre o chão elegante, há um grito de morte. Paga-se tributos ao mundo. A caveira, ícone maior da morte, enxertada subliminar e anamorficamente na tela, revela a possibilidade da desgraça. Assim formam-se novos duplos: harmonia e luto, modelagem e cancelamento.

O autor afirma que a “utopia” é o equivalente na prosa renascentista à obra de Holbein. Há uma relação posta de instabilidade.

Similarmente, More e Hitlodeu sentam-se no mesmo jardim e conversam um com o outro, mas como na pintura de Holbein olham em direções diferentes, cegos um para o outro. A pintura de Holbein parece deliberadamente ambígua: tanto a igreja católica quanto a fé luterana são invocadas. Em Utopia, em nome de princípios, Hitlodeu invoca a doutrina e a autoridade de Cristo, mas as implicações institucionais disto não são colocadas. O senso de alienação de More e sua observação do comportamento dos grandes, também expressa seu modo de engajamento na sociedade. Utopia é, enfim, um grande comentário revelador de sua autoconsciência e uma intensa meditação sobre sua limitação. De alguma forma, entre o realismo e o fabuloso, entre a autoconsciência e a ironia, More e Hitlodeu discutem o processo de ficcionalização e organização do mundo.

Greenblatt afirma que a Utopia não era apenas um brilhante ataque às injustiças sociais e econômicas do início do século XVI na Inglaterra, mas um profundo trabalho de autocritica direcionado para a identidade que More tinha modelado para ele mesmo.

O controle social em Utopia é mantido com poucas leis, mas principalmente com intensa pressão comunitária de honra e censura. Vergonha como método de controle social. Assim, a escravidão funciona não apenas como uma instituição penal e econômica, mas como uma forma extrema de “envergonhamento”.

O ato de More de automodelagem é também precisamente um ato de autocancelamento; tal como sua fantasia iconoclasta, expressa seu mais insistente desejo por uma ordem absoluta, Utopia é quase um “playground”, um libelo. Mas a própria utopia insiste que qualquer interpretação depende da posição do leitor e que os riscos sempre serão altos.

Vale ressaltar que, para Greenblatt, o senso de humor de More é, sem dúvida, uma expressão de sua personalidade, mas é mais que isto; é algo deliberadamente moldado, como podemos perceber naqueles momentos em que os gestos parecem forçados. É a proposição de um complexo senso de si mesmo.

Importa ainda destacar que o diálogo de um humanista como More com a antigüidade clássica promoveu um crescente movimento de crença nas potencialidades criativas do homem e uma progressiva valorização de aspectos mundanos de existência. Este longo processo é referido ao conceito de secularização ou de desencantamento do mundo tal como o entendeu Max Weber ao salientar a autonomia que as diferentes esferas da vida humana – econômica, social e política – alcançam em relação a uma ordem transcendente.

Em Petrarca (1341) – fonte de inspiração para More – uma afirmação ajuda a compreender as proposições centrais de Greenblatt:

[...] é melhor fazer sem um modelo do que seguir um modelo em tudo... eu prefiro que meu estilo seja próprio, cunhado na medida da minha mente, que usar o estilo do outro. Cada um de nós tem, naturalmente, alguma coisa individual em si, no seu modo de falar, na sua feição e gestos. É melhor e mais gratificante desenvolver e praticar estas qualidades.

Esta resenha é parte de uma discussão mais aprofundada da obra de S. Greenblatt desenvolvida no doutorado no IUPERJ.